

Validação da Escala Perceived Financial Well-Being no Contexto Brasileiro

Autoria

Mateus Canniatti Ponchio - mateus.ponchio@gmail.com

Prog de Mestr e Dout em Admin em Gestão Internacional/Dout e Mestr em Admin - PMDGI/ESPM - Esc Sup de Prop e
MKT de São Paulo/Ass Esc Sup de Prop e MKT

Rafaela Almeida Cordeiro - ralmeidacordeiro@gmail.com

Prog de Mestr e Dout em Admin em Gestão Internacional/Dout e Mestr em Admin - PMDGI/ESPM - Esc Sup de Prop e
MKT de São Paulo/Ass Esc Sup de Prop e MKT

Virginia Nicolau Goncalves - virginianicolau@gmail.com

Prog de Mestr e Dout em Admin em Gestão Internacional/Dout e Mestr em Admin - PMDGI/ESPM - Esc Sup de Prop e
MKT de São Paulo/Ass Esc Sup de Prop e MKT

Resumo

A compreensão dos fatores que afetam o bem-estar financeiro dos indivíduos é um tópico atual e relevante nas literaturas de comportamento do consumidor, finanças comportamentais e psicologia econômica. Múltiplas causas têm sido apontadas como antecedentes do bem-estar financeiro, que, por sua vez, é um importante componente do bem-estar geral do indivíduo. A correta mensuração empírica desse construto é essencial para o teste de hipóteses e avanço da literatura sobre o tema. Nesse sentido, neste artigo, validamos a escala Perceived Financial Well-Being de Netemeyer et al. (2018) no Brasil. A escala original, com dez itens divididos nas dimensões futuro e presente, tem seus itens traduzidos para o Português e sua validade de conteúdo verificada. As propriedades psicométricas do instrumento de medida são analisadas a partir de uma amostra de 1.027 indivíduos e avaliadas como adequadas em termos de dimensionalidade, consistência interna, e validades de construto, discriminante, de critério e nomológica.

Validação da Escala *Perceived Financial Well-Being* no Contexto Brasileiro

Resumo

A compreensão dos fatores que afetam o bem-estar financeiro dos indivíduos é um tópico atual e relevante nas literaturas de comportamento do consumidor, finanças comportamentais e psicologia econômica. Múltiplas causas têm sido apontadas como antecedentes do bem-estar financeiro, que, por sua vez, é um importante componente do bem-estar geral do indivíduo. A correta mensuração empírica desse construto é essencial para o teste de hipóteses e avanço da literatura sobre o tema. Nesse sentido, neste artigo, validamos a escala *Perceived Financial Well-Being* de Netemeyer et al. (2018) no Brasil. A escala original, com dez itens divididos nas dimensões futuro e presente, tem seus itens traduzidos para o Português e sua validade de conteúdo verificada. As propriedades psicométricas do instrumento de medida são analisadas a partir de uma amostra de 1.027 indivíduos e avaliadas como adequadas em termos de dimensionalidade, consistência interna, e validades de construto, discriminante, de critério e nomológica.

Palavras-chave: bem-estar financeiro, comportamento do consumidor, escala, validade de instrumento de medida.

1 Introdução

Baixos níveis de poupança, alto grau de endividamento e pouco conhecimento sobre finanças pessoais são alguns aspectos que preocupam governos, formuladores de políticas públicas e pesquisadores. Para promover o bem-estar financeiro da população, programas de educação financeira como a Estratégia Nacional de Educação Financeira – desenvolvida pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OECD, 2015) em parceria com governos locais – têm sido lançados em diversos países. Para que esses programas e outras ações a fim de melhorar o bem-estar financeiro da população possam ser avaliados, é necessário que uma medida confiável para o construto esteja disponível.

O tópico de bem-estar financeiro tem sido recorrente nas literaturas de comportamento do consumidor, finanças comportamentais e psicologia econômica; no entanto, não são raros os estudos que não apresentam uma clara definição conceitual para o construto (ex.: Donnelly, Iyer, & Howell, 2012; O’Neill, Sorhaindo, Xiao, & Garman, 2005; Schmeiser & Seligman, 2013). Propostas de medida encontradas na literatura incluem a avaliação subjetiva que o indivíduo faz de sua situação financeira (ex.: Sharma & Alter, 2012), indicadores financeiros objetivos (ex.: Danes & Yang, 2014), além de uma combinação dos dois (ex.: Shim, Xiao, Barber, & Lyons, 2009). Contudo, parece faltar uma definição operacional clara e amplamente compartilhada, o que dificulta o avanço teórico nesse campo de conhecimento (Brüggen, Hogreve, Holmlund, Kabadayi, & Löfgren, 2017).

A fim de preencher esta lacuna, Netemeyer, Warmath, Fernandes e Lynch (2018) recentemente propuseram uma medida para bem-estar financeiro. Baseados na definição do *Consumer Financial Protection Bureau* (CFPB, 2015, p. 6, tradução nossa), que conceitua bem-estar financeiro como “um estado em que uma pessoa pode cumprir plenamente as obrigações financeiras atuais e contínuas, pode se sentir segura em seu futuro financeiro e é capaz de fazer escolhas que lhe permitam aproveitar a vida”, os autores desenvolveram a escala *Perceived Financial Well-Being* (PFWB). A medida é formada pelas dimensões ‘segurança financeira futura esperada’ e ‘estresse na gestão financeira atual’, que representam as dimensões temporais de futuro e presente, e é composta por dez itens.

Sabe-se que um instrumento de medida deve ser cuidadosamente avaliado antes de utilizado em uma nova cultura (Church, 2001). O objetivo deste trabalho é, então, verificar as propriedades psicométricas da escala PFWB de Netemeyer et al. (2018) e validá-la para uso no contexto brasileiro. A partir de uma amostra de 1.027 respondentes de quatro regiões brasileiras, foram conduzidos procedimentos recomendados na literatura de mensuração (DeVellis, 2012; MacKenzie, Podsakoff, & Podsakoff, 2011; Zambaldi, Costa, & Ponchio, 2014): checagem da estrutura dimensional por meio de análise fatorial confirmatória; análise da confiabilidade interna por meio do coeficiente alfa de Cronbach e de indicadores de variância média extraída; validades de conteúdo, construto, critério e nomológica. Depois de removidos dois dos dez itens da escala original, os resultados são satisfatórios em todos os aspectos avaliados.

A contribuição teórica da presente pesquisa consiste na acumulação de evidência de validade do instrumento PFWB, ainda pouco explorado fora do contexto norte-americano, e sua extensão ao contexto brasileiro, possibilitando o avanço do conhecimento sobre esse construto e de estudos internacionais comparados.

2 Bem-estar financeiro

Muitos pesquisadores têm investigado o bem-estar financeiro de indivíduos e sua relação com valores e características pessoais. No entanto, as medidas utilizadas são diversas, o que dificulta a comparação dos resultados.

O estudo de Garðarsdóttir e Dittmar (2012) investiga a relação entre materialismo, dívida e bem-estar financeiro entre consumidores da Islândia. Para mensurar bem-estar financeiro, os autores combinaram duas medidas: a primeira, relacionada a quanto as finanças estão causando preocupação ao indivíduo; e a segunda, relacionada à preocupação do indivíduo com dívidas e gastos excessivos. Os autores consideraram bem-estar financeiro como a ausência (ou o oposto) de preocupação financeira (*financial worry*). Sharma e Alter (2012) assumem que o bem-estar financeiro deve ser avaliado por meio da comparação do estado atual de um indivíduo em relação a seus pares e à sua condição em um período anterior. Em seu estudo, cinco itens sobre posse de bens e condição financeira mediram o quão pior/melhor o respondente se sentia em relação ao ano anterior e a seus pares. Considerando apenas a dimensão temporal do presente, Guo, Arnould, Gruen e Tang (2013) mensuraram bem-estar financeiro por meio de três assertivas que medem o quão fácil/difícil é para o indivíduo viver com sua renda atual, o quanto ele se sente seguro/inseguro em relação à sua situação financeira e o quanto próspera/não próspera ele avalia sua situação financeira.

O recente trabalho conceitual de Brügger et al. (2017) discute a importância do desenvolvimento de uma definição operacional para o construto bem-estar financeiro como forma de avançar o conhecimento sobre o tema. Os autores propõem que o bem-estar financeiro seja mensurado por meio de medidas subjetivas, pois pessoas com situações financeiras semelhantes podem avaliar seu bem-estar financeiro de maneira diferente, dependendo de características pessoais e comportamentos financeiros, por exemplo. Outro aspecto considerado quanto à definição de bem-estar financeiro refere-se às dimensões temporais desse construto. Para os autores, a percepção dos indivíduos sobre o bem-estar financeiro pode mudar ao longo do tempo, e tanto as dimensões de presente quanto de futuro devem ser consideradas ao medi-lo (Norvilitis, Szablicki, & Wilson, 2003; Ruberton, Gladstone, & Lyubomirsky, 2016). Com base nisso, os autores definem bem-estar financeiro como “a percepção de ser capaz de sustentar padrões de vida desejados e antecipados, e liberdade financeira” (Brügger et al., 2017, p. 229, tradução nossa).

A escala de bem-estar financeiro (*perceived financial well-being*) proposta por Netemeyer et al. (2018), embora esteja baseada na definição do CFPB (2015), é consistente com a proposta de Brügger et al. (2017). A medida considera a percepção do indivíduo sobre

o seu bem-estar financeiro e é formada pelas dimensões temporais de futuro e presente. De acordo com Netemeyer et al. (2018), o bem-estar financeiro é formado pela percepção do indivíduo sobre a segurança financeira esperada (dimensão relacionada ao futuro) e sobre o estresse da gestão financeira atual (dimensão relacionada ao presente). A dimensão de segurança financeira (futuro) refere-se à percepção do indivíduo sobre ter (ou não) dinheiro para cobrir gastos inesperados, segurança financeira no futuro e cumprir metas financeiras futuras. Já a dimensão de estresse da gestão financeira atual (presente) está relacionada à sensação de estresse/preocupação (ou a ausência desse sentimento) sobre a situação financeira atual do indivíduo, considerando sua capacidade de administrar o dinheiro para cumprir obrigações financeiras e ter a vida que deseja. O instrumento foi desenvolvido com base nos resultados de 186 entrevistas e três *surveys* com mais de 14 mil consumidores e profissionais norte-americanos. A medida teve suas propriedades psicométricas analisadas por meio de procedimentos de validade e confiabilidade que apresentaram resultados satisfatórios.

Os resultados daquele estudo mostram que níveis crescentes de estresse sobre as finanças atuais predizem níveis mais baixos de sensação de segurança sobre a realização de metas financeiras futuras. O estudo evidencia, ainda, que comportamentos financeiros positivos e educação financeira estão associados com a segurança financeira futura, e que materialismo (conforme definido por Richins e Dawson [1992]) está associado com o estresse atual sobre as finanças. Ambas as dimensões de bem-estar financeiro – futuro e presente – predizem o bem-estar geral, cada uma em uma direção.

3 Procedimentos metodológicos

Os procedimentos metodológicos adotados na condução desta pesquisa seguem recomendações da literatura de mensuração (DeVellis, 2012; MacKenzie et al., 2011; Zambaldi et al., 2014). Numa etapa inicial, de cunho qualitativo, os dez itens da escala de bem-estar financeiro (sendo cinco para a dimensão futuro – PFWB-futuro – e cinco para a dimensão presente – PFWB-presente) foram traduzidos para o Português e tiveram sua tradução reversa para o Inglês, bem como sua validade de conteúdo, verificada por três especialistas. Os itens estão apresentados na Tabela 1.

Tabela 1. Itens originais e adaptados ao Português da escala *Perceived Financial Well-Being*

PFWB (Netemeyer et al., 2018)	PFWB (tradução/adaptação)	Média ^a	Desvio padrão ^b
<i>Expected Future Financial Security</i>	Segurança Financeira Futura Esperada	2,96	1,00
<i>I am becoming financially secure.</i>	(PFWB_01) Estou me tornando financeiramente seguro.	3,05	1,16
<i>I am securing my financial future.</i>	(PFWB_02) Estou garantindo meu futuro financeiro.	2,99	1,22
<i>I will achieve the financial goals that I have set for myself.</i>	(PFWB_03) Eu alcançarei os objetivos financeiros que estabeleci para mim.	3,33	1,23
<i>I have saved (or will be able to save) enough money to last me to the end of my life.</i>	(PFWB_04) Eu economizei (ou serei capaz de economizar) dinheiro suficiente para durar até o final da minha vida.	2,59	1,28
<i>I will be financially secure until the end of my life.</i>	(PFWB_05) Eu serei financeiramente seguro (protegido) até o final da minha vida.	2,82	1,28
<i>Current Money Management Stress</i>	Estresse na Gestão Financeira Atual	2,66	0,96
<i>Because of my money situation, I feel I will never have the things I want in life.</i>	(PFWB_06) Por causa da minha situação financeira, sinto que nunca terei as coisas que quero na vida.	2,54	1,27
<i>I am behind with my finances.</i>	(PFWB_07) Não estou em dia com minha vida financeira.	2,86	1,42
<i>My finances control my life.</i>	(PFWB_08) Minhas finanças controlam minha vida.	2,54	1,22
<i>Whenever I feel in control of my finances, something happens that sets me back.</i>	(PFWB_09) Sempre que sinto possuir controle sobre minha vida financeira, acontece algo que atrapalha esse controle.	2,98	1,32
<i>I am unable to enjoy life because I obsess too much about money.</i>	(PFWB_10) Não consigo aproveitar a vida porque me preocupo demais com dinheiro.	2,36	1,28

Notas: (a) (b) as médias e desvios-padrão relatados referem-se aos dados da coleta principal (n = 1.027).

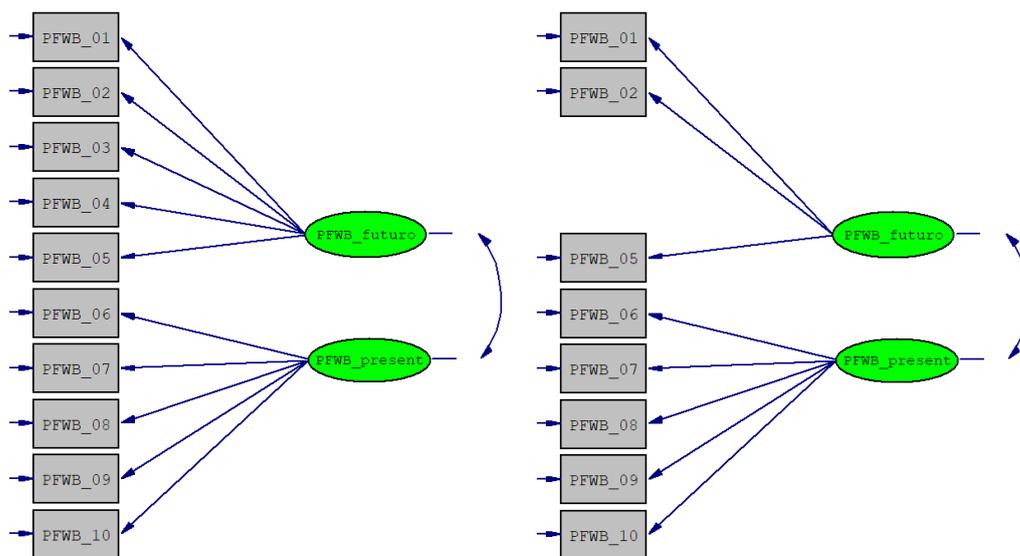
Em seguida, um pré-teste foi conduzido junto a 90 adultos, os quais indicaram seu grau de concordância com cada um dos dez itens por meio de uma escala de cinco pontos que variou de 1: discordo totalmente a 5: concordo totalmente. Os dados coletados foram avaliados por meio de análise fatorial exploratória (a extração por componentes principais resultou em apenas dois fatores com autovalores maiores que 1; esses dois fatores, correspondentes às duas dimensões da escala, acomodaram cerca de 66% da variância do conjunto de itens), correlações inter-item (que variaram de 0,53 a 0,86 na dimensão futuro e de 0,26 a 0,67 na dimensão presente) e alfa de Cronbach (0,905 para a dimensão futuro e 0,789 para a dimensão presente). Os resultados foram avaliados como satisfatórios e os itens foram retidos para nova coleta de dados.

A coleta de dados principal resultou em 1.027 questionários preenchidos por consumidores de 25 a 45 anos residentes nas regiões metropolitanas de Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo, cadastrados no painel online de uma empresa multinacional de pesquisa de mercado com atuação no Brasil, e ocorreu em novembro de 2017. Os entrevistados completaram uma pesquisa contendo os dez itens da escala de bem-estar financeiro subjetivo, idade, gênero, educação, renda, comportamentos financeiros positivos e negativos, e outros construtos que auxiliaram na avaliação da validade da medida de interesse. Com base nesses dados, foram conduzidas análises de: estrutura dimensional por meio de análise fatorial confirmatória; análise da confiabilidade interna por meio do coeficiente alfa de Cronbach e de indicadores de variância média extraída; validades de construto, critério e nomológica. Os resultados são apresentados no item seguinte.

4 Análises de confiabilidade e validade da escala

Os dez itens da escala de bem-estar financeiro subjetivo, sendo cinco em cada uma de suas duas dimensões, foram submetidos à análise fatorial confirmatória (AFC). Utilizou-se estimador por máxima verossimilhança e permitiu-se haver correlação entre os dois fatores latentes; os cálculos foram feitos por meio do pacote estatístico LISREL 9.2 (Jöreskog & Sörbom, 2015). Para melhorar os indicadores de ajuste do modelo (estatísticas de ajuste de qui-quadrado, *comparative fit index* [CFI], *non-normed fit index* [NNFI] e *root mean square error of approximation* [RMSEA]), dois itens (PFWB_03 e PFWB_04) foram excluídos e, então, repetiram-se as análises. A Figura 1 traz a representação gráfica do modelo teórico de AFC (modelo inicial com dez itens à esquerda e modelo final com oito itens à direita) e a Tabela 2, estatísticas de ajuste do modelo para cada uma das quatro regiões (Belo Horizonte [BH], Rio de Janeiro [RJ], Salvador [SA] e São Paulo [SP]) e para a amostra como um todo. Há evidência de que os dados se ajustam bem ao modelo teórico: a razão χ^2 por graus de liberdade variou de 2,16 a 2,83 (19 graus de liberdade) e ficou acima de 3,00 apenas na amostra como um todo (sabe-se que essa estatística é sensível ao tamanho da amostra); o CFI variou de 0,946 a 0,972; o NNFI variou de 0,920 a 0,959; e o RMSEA ficou abaixo de 0,08 em todos os modelos. Tomados em conjunto, esses índices são indicadores de ótimo ajuste (Hu & Bentler, 1999; Schreiber, Nora, Stage, Barlow, & King, 2006).

Figura 1. Diagrama conceitual do modelo para análise fatorial confirmatória



Fonte: elaboração própria com auxílio do pacote estatístico LISREL 9.2 (Jöreskog & Sörbom, 2015).

Tabela 2. Estatísticas de ajuste do modelo de análise fatorial confirmatória

	BH	RJ	SA	SP	Agregado	
Tamanho da amostra	234	222	303	268	1.027	
Indicadores de ajuste - análise fatorial confirmatória	Ajuste absoluto: χ^2	41,84	45,06	53,71	40,97	107,49
	Razão χ^2 por graus de liberdade	2,20	2,37	2,83	2,16	5,66
	CFI (<i>comparative fit index</i>)	0,956	0,946	0,959	0,972	0,966
	NNFI (<i>non-normed fit index</i>)	0,934	0,920	0,939	0,959	0,950
	RMSEA (<i>root mean square error of approximation</i>) - estimativa por ponto	0,069	0,076	0,075	0,069	0,066
	RMSEA (<i>root mean square error of approximation</i>) - intervalo com 90% de confiança	[0,039 ; 0,099]	[0,047 ; 0,107]	[0,051 ; 0,100]	[0,042 ; 0,097]	[0,055 ; 0,079]
	Alfa de Cronbach - dimensão 'futuro'	0,747	0,756	0,829	0,846	0,803
	Alfa de Cronbach - dimensão 'presente'	0,783	0,773	0,800	0,799	0,792
	Correlação entre as dimensões 'futuro' e 'presente'	-0,128	-0,032	0,003	-0,326	-0,129

Fonte: elaboração própria com auxílio do pacote estatístico LISREL 9.2 (Jöreskog & Sörbom, 2015).

Os coeficientes alfa de Cronbach, calculados por fator (dimensão futuro e dimensão presente), variaram de 0,747 a 0,846, valores indicativos de adequada consistência interna (DeVellis, 2012).

A validade discriminante foi analisada por meio do critério de Fornell e Larcker (1981): se a variância média extraída (VME) média de dois construtos é maior que a variância compartilhada entre eles (medida pelo quadrado da correlação entre eles), há evidência de validade discriminante no nível dos dois construtos. Os valores de variância média extraída (VME) variaram de 0,51 a 0,69 e os coeficientes de correlação entre as dimensões PFWB-futuro e PFWB-presente variaram de -0,326 a 0,003. Nas cinco verificações (quatro regiões e amostra como um todo), houve evidência de validade discriminante de acordo com o critério estabelecido.

Evidências adicionais de validade de critério e validade nomológica também estão disponíveis. A Tabela 3 contém as médias de bem-estar financeiro subjetivo por dimensão (futuro e presente) e por resposta (sim, não, não respondeu) a cada uma de seis perguntas associadas a comportamentos financeiros. A coluna de valor-p contém a significância estatística de testes *t* de comparação de média entre os grupos. Os resultados de todos os 12 testes estão em linha com o esperado. As médias para a dimensão futuro são maiores (indicando maior segurança financeira percebida) nos grupos que responderam 'sim' às questões 1, 2, 3 e 5, que representam comportamentos financeiros positivos, e menores nas questões 4 e 6, que representam comportamentos financeiros negativos. No caso da dimensão presente, as médias são menores (indicando menor estresse financeiro e conseqüentemente maior bem-estar financeiro) nos grupos que responderam 'sim' às questões 1, 2, 3 e 5, que representam comportamentos financeiros positivos, e maiores (indicando menor bem-estar financeiro) nas questões 4 e 6, que representam comportamentos financeiros negativos.

Tabela 3. Associações entre bem-estar financeiro subjetivo e comportamentos financeiros positivos

		PFWB-futuro				PFWB-presente			
		Cont.	%	Média	DP	valor-p (teste t)	Média	DP	valor-p (teste t)
1. Atualmente, você tem dinheiro guardado para cobrir suas despesas por ao menos três meses?	não	619	60,3%	2,66	0,94	0,000	2,86	0,90	0,000
	sim	357	34,8%	3,47	0,99		2,33	0,96	
	missing	51	5,0%						
2. Você já tentou descobrir o quanto de dinheiro você precisa guardar para a aposentadoria?	não	704	68,5%	2,82	1,01	0,000	2,70	0,95	0,000
	sim	282	27,5%	3,28	1,00		2,56	0,98	
	missing	41	4,0%						
3. Você possui um orçamento familiar? [Um orçamento familiar é usado para decidir qual parcela da renda familiar será usada para gastar, pagar contas ou poupar.]	não	471	45,9%	2,67	0,98	0,000	2,81	0,91	0,000
	sim	492	47,9%	3,25	0,98		2,52	0,99	
	missing	64	6,2%						
4. Você costuma ver seu saldo bancário negativo (ao menos três ocasiões por ano)?	não	578	56,3%	3,12	1,00	0,000	2,48	0,93	0,000
	sim	390	38,0%	2,71	1,01		2,91	0,95	
	missing	59	5,7%						
5. Você sempre paga o valor total das suas faturas do cartão de crédito?	não	164	16,0%	2,60	1,00	0,000	3,09	0,85	0,000
	sim	799	77,8%	3,04	1,02		2,57	0,95	
	missing	64	6,2%						
6. Nos últimos 12 meses, você pediu dinheiro emprestado a parentes, amigos ou colegas de trabalho?	não	667	64,9%	3,10	1,01	0,000	2,50	0,92	0,000
	sim	331	32,2%	2,66	0,97		2,98	0,94	
	missing	29	2,8%						

Fonte: elaboração própria.

Nota: quanto maior o *score* na dimensão futuro, maior o bem-estar financeiro; quanto maior o *score* na dimensão presente, menor o bem-estar financeiro.

Modelos de regressão linear múltipla foram construídos para avaliar a relação entre as dimensões de bem-estar financeiro subjetivo e construtos para os quais existem expectativas teóricas conhecidas de associação. A Tabela 4 exibe as saídas de dois modelos, cada um adotando como variável resposta uma dimensão de bem-estar financeiro. Os *scores* de bem-estar financeiro foram definidos como as médias às respostas aos itens de cada dimensão. Idade, gênero e renda foram incluídos como variáveis de controle e as escalas de orientação a poupar (escala *personal saving orientation* de Dholakia, Tam, Yoon e Wong [2016]) e controle sobre os gastos (escala *consumer spending self-control* de Haws, Bearden e Nenkov [2012]) foram incluídas como variáveis independentes. No caso da dimensão futuro, espera-se que maior orientação a poupar e maior controle sobre os gastos resultem em maiores níveis de bem-estar financeiro. No caso da dimensão presente, espera-se que um maior controle sobre os gastos diminua o estresse financeiro percebido; no entanto, ao menos no curto prazo, não há razão para acreditar que a orientação a poupar diminua o estresse financeiro. Os resultados do modelo (sinais das estimativas dos betas e respectivas significâncias estatísticas) estão em linha com a expectativa teórica, o que confere à escala de bem-estar financeiro subjetivo ainda mais evidência de validade.

Tabela 4. Modelos de regressão linear múltipla para explicar cada uma das dimensões de bem-estar financeiro subjetivo

	Variável dependente					
	PFWB-futuro ^b			PFWB-presente ^c		
	Coef. Padr. (beta)	t	Valor-p	Coef. Padr. (beta)	t	Valor-p
(constante)		5,77	0,000		14,95	0,000
Idade	-0,06	-2,07	0,039	0,06	1,89	0,059
Gênero ^a	0,02	0,77	0,443	0,01	0,38	0,701
Renda	0,17	5,99	0,000	-0,12	-3,35	0,001
Orientação a poupar	0,48	11,38	0,000	0,05	1,00	0,317
Controle sobre os gastos	0,10	2,48	0,013	-0,27	-5,15	0,000

Notas: (a) Gênero: variável *dummy* codificada como mulher = 0, homem = 1. (b) R² ajustado = 39,0%. (c) R² ajustado = 23,2%.

Fonte: elaboração própria.

5 Considerações finais

Este estudo teve como objetivo verificar as propriedades psicométricas da escala *Perceived Financial Well-Being* de Netemeyer et al. (2018) e validá-la para uso no contexto brasileiro. A partir de uma amostra de 1.027 indivíduos residentes em quatro regiões metropolitanas do Brasil, foram conduzidos procedimentos recomendados da literatura de mensuração. As propriedades psicométricas do instrumento de medida foram verificadas e avaliadas como adequadas em termos de dimensionalidade, consistência interna, e validades de construto, discriminante, de critério e nomológica. Após remoção de dois dos dez itens da escala original, os resultados foram considerados satisfatórios em todos os aspectos avaliados.

Os resultados mostram que comportamentos financeiros e características pessoais afetam o bem-estar financeiro de indivíduos. Observou-se que comportamentos financeiros positivos, tais como pagar o valor total da fatura de cartão de crédito e possuir um orçamento familiar, estão associados a níveis mais altos de segurança financeira (PFWB-futuro) e a níveis mais baixos de estresse financeiro (PFWB-presente). Do mesmo modo, indivíduos orientados a poupar e com maior controle sobre os gastos apresentam maiores níveis de bem-estar financeiro. Por outro lado, comportamentos financeiros negativos, como apresentar saldo bancário negativo e pedir dinheiro emprestado a amigos e parentes, estão associados a níveis mais altos de estresse financeiro. Esses achados representam evidências sobre a relação entre comportamentos financeiros, características pessoais e bem-estar financeiro.

A disponibilidade da escala PFWB para uso em outros contextos permite a condução de pesquisas internacionais comparadas. Nessa linha, recomendam-se estudos futuros que a validem para outros idiomas e culturas. Considerando a importância do tema para a sociedade em geral, a disponibilização de uma medida operacional para um construto teórico amplamente utilizado por governos, instituições financeiras e de pesquisa mostra-se uma importante contribuição prática.

Referências

- Brüggen, E. C., Hogreve, J., Holmlund, M., Kabadayi, S., & Löfgren, M. (2017). Financial well-being: a conceptualization and research agenda. *Journal of Business Research*, 79, 228-237.
- CFPB – Consumer Financial Protection Bureau. (2015). *Financial well-being: the goal of financial education*. Recuperado em 04 de março de 2018. Disponível em: <http://www.consumerfinance.gov/reports/financial-well-being>
- Church, T. (2001). Personality measurement in cross-cultural perspective. *Journal of Personality*, 69(6), 979-1006.

- Danes, S. M., & Yang, Y. (2014). Assessment of the use of theories within the journal of financial counseling and planning and the contribution of the family financial socialization conceptual model. *Journal of Financial Counseling and Planning*, 25(1), 53-68.
- DeVellis, R. F. (2012). *Scale development: theory and applications*. 3 ed. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Dholakia, U., Tam, L., Yoon, S., & Wong, N. (2016). The ant and the grasshopper: understanding personal saving orientation of consumers. *Journal of Consumer Research*, 43(1), 134-155.
- Donnelly, G., Iyer, R., & Howell, R. T. (2012). The big five personality traits, material values, and financial well-being of self-described money managers. *Journal of Economic Psychology*, 33(6), 1129-1142.
- Fornell, C., & Larcker, D. F. (1981). Evaluating structural equation models with unobservable variables and measurement error. *Journal of Marketing Research*, 18(1), 39-50.
- Garðarsdóttir, R. B., & Dittmar, H. (2012). The relationship of materialism to debt and financial well-being: the case of Iceland's perceived prosperity. *Journal of Economic Psychology*, 33(3), 471-481.
- Guo, L., Arnould, E. J., Gruen, T. W., & Tang, C. (2013). Socializing to co-produce: pathways to consumers' financial well-being. *Journal of Service Research*, 16(4), 549-563.
- Haws, K. L., Bearden, W. O., & Nenkov, G. Y. (2012). Consumer spending self-control effectiveness and outcome elaboration prompts. *Journal of the Academy of Marketing Science*, 40(5), 695-710.
- Hu, L., & Bentler, P. M. (1999). Cutoff criteria for fit indexes in covariance structure analysis: conventional criteria versus new alternatives. *Structural Equation Modeling: A Multidisciplinary Journal*, 6(1), 1-55.
- Jöreskog, K. G., & Sörbom, D. (2015). LISREL 9.20 for Windows [Computer software]. Skokie, IL: Scientific Software International, Inc.
- MacKenzie, S. B., Podsakoff, P. M., & Podsakoff, N. P. (2011). Construct measurement and validation procedures in MIS and behavioral research: integrating new and existing techniques. *MIS Quarterly*, 35(2), 293-334.
- Netemeyer, R. G., Warmath, D., Fernandes, D., & Lynch, J., Jr. (2018). How am I doing? Perceived financial well-being, its potential antecedents, and its relation to overall well-being. *Journal of Consumer Research*, 45(1), forthcoming (<https://doi.org/10.1093/jcr/ucx109>).
- Norvilitis, J. M., Szablicki, P. B., & Wilson, S. D. (2003). Factors influencing levels of credit card debt in college students. *Journal of Applied Social Psychology*, 33(5), 935-947.
- O'Neill, B., Sorhaindo, B., Xiao, J. J., & Garman, E. T. (2005). Financially distressed consumers: their financial practices, financial well-being, and health. *Journal of Financial Counseling and Planning*, 16(1), 73-87.
- OECD – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico. (2015). *OECD/INFE Toolkit for measuring financial literacy and financial inclusion*. Recuperado em 04 de março de 2018. Disponível em: http://www.oecd.org/daf/fin/financial-education/2015_OECD_INFE_Toolkit_Measuring_Financial_Literacy.pdf
- Richins, M. L., & Dawson, S. (1992). A consumer values orientation for materialism and its measurement: scale development and validation. *Journal of Consumer Research*, 19(3), 303-316.
- Ruberton, P. M., Gladstone, J., & Lyubomirsky, S. (2016). How your bank balance buys happiness: the importance of 'cash on hand' to life satisfaction. *Emotion*, 16(5), 575-580.
- Schmeiser, M. D., & Seligman, J. S. (2013). Using the right yardstick: assessing financial literacy measures by way of financial well-being. *Journal of Consumer Affairs*, 47(2), 243-262.

- Schreiber, J. B., Nora, A., Stage, F. K., Barlow, E. A., & King, J. (2006). Reporting structural equation modeling and confirmatory factor analysis results: a review. *The Journal of Educational Research*, 99(6), 323-338.
- Sharma, E., & Alter, A. L. (2012). Financial deprivation prompts consumers to seek scarce goods. *Journal of Consumer Research*, 39(3), 545-560.
- Shim, S., Xiao, J. J., Barber, B. L., & Lyons, A. (2009). Pathways to life success: a conceptual model of financial well-being for young adults. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 30(6), 708-723.
- Zambaldi, F., Costa, F. J., & Ponchio, M. C. (2014). Mensuração em marketing: estado atual, recomendações e desafios. *Revista Brasileira de Marketing*, 13(2), 1-27.